

QUANDO DITOS PROFÉTICOS VIRAM

POESIAS: SALMO 51

Antonio Carlos Frizzo

Resumo

A retomada da tradição profética, sobretudo dos primeiros profetas escritores, do século VIII, eclode na harmonia poética, de estilo penitencial, no salmo 51. Eis o objeto de pesquisa apresentado pelo autor. “Pecado” foi o denominador comum que melhor justificou as causas de anos vividos no exílio babilônico. O ato de ignorar os apelos proféticos acenando a prática da justiça e do direito aos pobres, como meio de agradar a Deus, foi a justificação do domínio das nações sobre Israel (722 aC) e Judá (586 aC). Para estar em pleno estágio de paz (Shalom), o perdão deve ser oferecido e recebido e, uma vez agraciado, buscar-se-á romper as estruturas injustas.

Palavras-chaves: *Pecado. Tradição deuteronomista. Misericórdia. Compaixão.*

Abstract

The resumption of the prophetic tradition, especially by the first writing prophets of the eighth century, blossomed out in poetic harmony, penitential style, in Psalm 51. Here you are with the object of research presented by the author. “Sin” was the common denominator that best justify the causes of years lived in the Babylonian exile. The act ignoring the prophetic appeals waving by the practice of justice and right to the poor as a mean to please God, was the one of the main justification of other nations domain over Israel (722 BC) and Judah (597-538 BC). To be in full situation of peace (Shalom), forgiveness should be offered and received and once awarded one will seek to break the unjust structures.

Keywords: *Sin. Deuteronomistic tradition. Mercy. Compassion.*

Introdução

Entre os anos de 1980 a 1986 convivi, semanalmente, com Frei Gilberto Gorgulho. Anos de intensa busca intelectual na graduação e pós-graduação, na esfera dos estudos teológicos. Nos antigos corredores da Faculdade Assunção, hoje, PUC-SP, conheci esse professor e, mais tarde, amigo nos primeiros passos no estudo da Palavra. Seu alto grau de intelectualidade – dono de uma memória e caráter privilegiados – impunha um silêncio natural e frutuoso ante aos alunos ávidos de aprender algo sobre o universo bíblico. Fundamentava suas afirmações com um altíssimo rigor científico e com um requinte da mais pura alegria na transmissão das coisas divinas. Com o tempo, já no ritmo da docência, percebi que sua alta produtividade na publicação de livros e artigos era resultado de uma assiduidade na considerável biblioteca do Convento dos Dominicanos. Hábito herdado já nos primeiros anos de estudos na família dominicana e aprimorado ao longo de décadas de pesquisas.

Recordo que, por volta dos anos de 1983/1984, a direção da Faculdade de Teologia inaugurou um projeto para formar novos professores, no desejo de sustentar a hermenêutica proposta pela Teologia da Libertação. Surgiu a ideia de alunos e alunas assistentes que passariam a ser acompanhados por professores, nas respectivas áreas da ciência teológica. Lembro-me de alguns que se candidataram à arte de aprendiz: Jung MoSung – hoje, diretor da Faculdade Metodista, São Paulo; Fernando Altemeyer Junior – professor na PUC-SP.

Numa igreja, que na época tinha como eixo articulador a pessoa do pobre, Frei Gorgulho inaugurou um modo próprio de formar pessoas no estudo da Bíblia. “Precisamos capacitar agentes que saibam estudar e transmitir a Bíblia nas propostas da Conferência de Puebla”, dizia com relativa frequência em conversas nos corredores e nas reuniões. No ano de 1985, estudantes de diversas partes do país rumaram para São Paulo, desejosos de compor a primeira turma de Mestrado em Teologia Bíblica. No grupo havia uma única mulher: Enilda de Paula Pedro, religiosa da congregação Bom Pastor, que se tornou uma competente biblista. Irmã Enilda, juntamente com outros alunos da turma, criou o Centro Bíblico Verbo. Irmã Enilda faleceu no dia 7 de maio de 2011, depois de uma longa enfermidade renal.

Ancorado em um projeto pastoral inteiramente voltado para as comunidades de base e capitaneado pelo renomado cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o significativo grupo de alunos mal saberia que teriam contatos com o que havia de mais sério, contundente e valioso no universo teológico na América Latina. Na coordenação do projeto estava uma equipe formada pelos biblistas Milton Schwantes, Carlos Mesters, Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson. Vimos passar diante de nossos olhares um time de excelentes professores. Oportuno destacá-los. Afinal, os conteúdos que aprendemos daqueles verdadeiros mestres, possivelmente, vão nos custar uma boa parte de nossas vidas para colocá-los em prática: Juan Luiz

Segundo, Ana Flora Anderson, Pablo Richard, Gustavo Gutiérrez, Otto Maduro, Enrique Dussel, José Comblin, Domingos Zamagna. Após dois anos, formada a primeira turma, o projeto sofreu árduas retaliações, como aconteceu em outras esferas eclesiais, no final dos anos 90.

Durante os anos, assim chamados, “anos de chumbo”, 1964-1985, período que durou a Ditadura Militar, Frei Gorgulho sentiu de perto o peso dessa época marcada pela insanidade e intolerância humana. Os militares tocaram o coração de sua família religiosa. Seus irmãos da Ordem dominicana, os freis Ivo, Fernando, Betto e Tito foram presos e torturados, em 1969. Guardo na memória, numa dessas conversas em sala de aula, rodeados por alunos e, relatando momentos sofridos diante do regime militar, quando perguntamos ao Frei Gorgulho por que ele não foi preso. Respondeu-nos, num tom muito emotivo: “Fui ao Rio de Janeiro dar uma palestra e lá soube da prisão dos frades”. Foi sustentado numa mística oriunda da ação do Espírito que Frei Gorgulho foi capaz de superar a violenta “noite escura”, como nos ensina São João da Cruz, na certeza que a aurora já despontava à sua frente.

Creio que o salmo 51, por capricho do seu redator final, catalogado no rol dos salmos penitenciais, possibilita ver estilhaços de dois aspectos que nortearam a vida de Frei Gorgulho: a mística e a profecia.

Os Salmos Penitenciais

Os sábios judeus não ousaram estabelecer nenhum manual de oração. O Livro dos Salmos, tal como se encontra em nossas bíblias, é resultando de oito séculos de redações, reedições e compilações até chegar a uma edição final, em meados do século IV aC. Diante das orações ou poemas, agrupados no conjunto de 150 salmos, percebemos grandes momentos históricos que assolaram a comunidade religiosa, obrigando às vezes o recuo, ora a certeza da resistência, tendo à frente situações políticas adversas vivenciadas pela comunidade religiosa e sempre o desejo de firmar total apoio na experiência de Javé. No Livro dos Salmos podemos perceber os esforços de mulheres e homens desejosos em trilhar os projetos de uma divindade conhecida como “Deus libertador” e seguir em frente na defesa da vida.

Há relativo consenso em dividir os salmos penitenciais em dois grupos, assim intitulados: súplicas individuais: 5, 6, 7, 13, 17, 22, 25, 26, 28, 31, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 69, 70, 71, 86, 88, 109, 120, 130, 140, 141, 142, 143. Outra seleção reúne as súplicas de caráter coletivo: 7, 44, 60, 74, 79, 80, 83, 123.

Nossa leitura do salmo 51¹

3.1 Tem piedade de mim, ó Deus, conforme tua misericórdia!
3.2 Por tua infinita compaixão, apaga a minha culpa!
4.1 Lava-me completamente da minha falta,
4.2 e purifica-me do meu pecado!
5.1 Porque reconheço as minhas transgressões,
5.2 e o meu pecado está sempre na minha frente.
6.1 Contra ti, somente contra ti é que eu pequei,
6.2 eu fiz o que é mau aos teus olhos.
6.3 Assim, tu és o justo ao falar,
6.4 e sem reprovação no julgamento.
7.1 Eis que eu nasci na iniquidade,
7.2 e minha mãe me concebeu no pecado.
8.1 Sim, desejas a verdade no íntimo do ser,
8.2 e em segredo tu me fazes conhecer a sabedoria.
9.1 Purifica-me com hissopo, e eu ficarei puro.
9.2 Lava-me, e eu ficarei mais branco do que a neve.
10.1 Faze-me ouvir o júbilo e a alegria,
10.2 e que se alegrem os ossos que trituraste.
11.1 Oculta a tua face dos meus pecados,
11.2 apaga todas as minhas iniquidades.
12.1 Ó Deus, cria em mim um coração puro,
12.2 confirma em meu interior um espírito novo.
13.1 Não me afastes para longe de teu rosto,
13.2 não retires de mim teu santo espírito.
14.1 Devolve-me o júbilo da tua salvação
14.2 e um espírito generoso me mantenha firme.
15.1 Ensinarei os teus caminhos aos culpados
15.2 e para ti se voltarão os pecadores.
16.1 Livra-me do sangue, ó Deus,
16.2 ó Deus, meu salvador!
16.3 e minha língua celebrará a tua justiça.
17.1 Abre-me os lábios, Senhor,

1. Cf. Edição da Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

^{17,2} e minha boca anunciará o teu louvor.
^{18,1} Pois não queres nenhum sacrifício,
^{18,2} e se te oferto um holocausto, não o aceitas.
^{19,1} Sacrifícios para Deus são espíritos alquebrados.
^{19,2} Corações alquebrados e abatidos,
^{19,3} ó Deus, tu não os desprezas.
^{20,1} Faze o bem para Sião, por tua bondade,
^{20,2} reconstrói as muralhas de Jerusalém.
^{21,1} Então sentirás prazer nos sacrifícios de justiça,
^{21,2} nos holocaustos e ofertas totais.
^{21,3} E assim se ofertarão novilhos em teu altar.

Aproximando-se um pouco mais do texto, é possível estabelecer a seguinte estrutura literária ao poema:

- A) v. 1-2: Como encontramos em outros 72 salmos, a atribuição da composição ao monarca Davi é um recurso oferecido pelo redator final, no período pós-exílico, e não fazia parte original do texto.
- B) v. 3-11: confissão das faltas cometidas confessadas a uma divindade conhecida por sua *misericórdia e compaixão*.
- C) v. 12-19: ação divina em prol daquele que age confiante na graça do Deus vivo.
- D) v. 20-21: acréscimo do redator final desejoso de retomar a prática dos sacrifícios no templo.

Salmo atribuído a Davi

v. 1-2:

A atribuição autoral dos salmos a Davi é pós-exílica. Os autores deuteronomistas, no serviço dos atos litúrgicos em Jerusalém, não mediram esforços, na sua releitura de antigas tradições orais e pequenas narrativas literárias, para atribuir certo número de salmos a um rei exemplar. De bandido (1Sm 22), Davi chega a ser apresentado como origem de uma descendência sem limites (1Sm 7,8-16) por vontade divina. É apresentado como justo e pleno de piedade diante de seus inimigos (1Sm 24,4-8; 26) e soube, como poucos, humilhar-se diante dos delitos cometidos denunciados pelo profeta (2Sm 12,5-15).

Recursos literários à parte, no cenário da política internacional, a ascensão Ciro, rei da Pérsia, em 536 aC, significou não somente o fim do jugo babilônico,

mas a inauguração de um novo estilo de governar e tributar as nações vassalas. Após o exílio, a lei de santidade irá insistir na ideia de um povo “santo” e “separado” das demais nações. Como Israel não existe mais na condição de nação independente, a identidade do povo virá, principalmente, de suas instituições religiosas: da observância da lei, do templo pela prática dos sacrifícios e da capacidade de ensinar e praticar a Torá.

Da suntuosa cidade de Babel, o novo imperador chega ao ponto não apenas de incentivar, mas oferecer estímulos financeiros para a reconstrução do tecido social judaico (Esd 1,7-11). Não por um mero acaso que Ciro, rei persa, será intitulado “Servo de Javé” por alguns discípulos da profecia de Isaías (Is 45,1-7), em meados do final do exílio babilônico (540 aC). Os redatores deuteronomistas impõem a formatação final a inúmeros textos bíblicos.

A insistência nas leis de pureza, na exigência do distanciamento das “nações” e as regras particulares quanto à sexualidade tinham como objetivo, antes de mais nada, preservar a identidade de um povo. Realinha-se toda a tradição profética, apoiando-se na dinastia oficial davídica. Oficializa-se uma história para o Estado de Israel e, de sobra, nomeia Davi, autor de inúmeros salmos.

v. 3-11: A frente de um Deus misericordioso e compassivo, o salmista expõe seus fracassos

No conjunto dos versos 3-11, que formam a primeira parte do salmo, encontramos inúmeros termos no desejo de tipificar os vários delitos cometidos. Com base em duas maneiras de compreender a relação com o Criador – *hesed*, bondade e *rahāmîm*, compaixão – gravitam as confissões do autor do salmo. Cremos que anos vividos no exílio colaboraram para que se firmasse o conceito em torno do *ḥattā'î*, pecado (Is 40,2; 43,24) e que será explicitada de modo mais acentuado no retorno do exílio babilônico, já sob as hegemonias sacerdotais e não sob uma monarquia.

Líderes como Esdras e Neemias, sediados na cidade religiosa de Jerusalém, buscaram recompor a sociedade israelita, após a trágica experiência exílica que vigorara por mais de sessenta anos (597-536 aC). Toda estrutura social do Israel no pós-exílio será compreendida como uma comunidade religiosa, uma vez que a reestruturação da monarquia e do exército não fora autorizado pelo monarca persa Ciro, após seu edito em 536 aC.

Os anos vividos na Babilônia ecoaram como um castigo pelas faltas cometidas pela comunidade de Israel. O esfacelamento do tecido social será explicitado, no ato de arrepender-se e pedir perdão ao Criador, pela comunidade religiosa conhecida como *golah*². O Estado de Israel se recompôs como uma comunidade. A reestruturação do corpo social ocorreu exclusivamente pelo viés

2. O termo *golah* ou sua forma no plural *galout* foge de uma compreensão abstrata e evidencia a experiência vivenciada pelas comunidades exiladas em territórios babilônicos (2Rs 25,27; Jr 29,22; Ez 33,21; Lm 1,2).

de uma identidade religiosa que ofereceu coesão social e um mínimo senso de governabilidade.

Após a abertura expressa nos versos 1-2, o salmista não poupa palavras ao tipificar suas faltas: *peša* ‘, revolta; *‘awōn*, iniquidade; *hāṭā*’, pecado; *ra* ‘, mal e *‘etsemōtdikîṭā*, ossos que trituraste. Estabelecemos a seguinte estrutura para esta parte do salmo:

<p>v. 3-11: as confissões</p> <p>Conforme tua</p> <p><i>hesed</i>, misericórdia</p> <p>+</p> <p><i>rahāmîm</i>, compaixão</p>	<p>3,²minha culpa,</p> <p>4,¹ minha falta</p> <p>4,²meu pecado.</p> <p>5,¹ minha culpa</p> <p>5,²meu pecado.</p> <p>6,¹ eu pequei</p> <p>6,²eu fiz o que é mau,</p> <p>7,¹ na iniquidade eu nasci,</p> <p>7,² no pecado minha mãe me concebeu.</p> <p>10,²ossos que trituraste</p> <p>11,¹ oculta tuas faces dos meus pecados</p> <p>11,² todas as minhas iniquidades.</p>
--	--

Trilhas proféticas no salmo 51

O poeta ou o autor do salmo 51 narra sua angústia num autêntico diálogo com Deus. Expõe sua trama pessoal utilizando com rigor e teor as palavras. Por meio de um estilo redacional eu e tu – salmista e Deus – o autor expõe o mais profundo da miséria humana: sua condição de pecador. Termo demasiadamente recorrente no salmo (v. 4.5.7.11.15). O salmista se autoapresenta com o seu coração quebrado, suplica a Deus por sua reintegração, pois deseja gozar amplamente das graças de Deus. Eis seu único objetivo.

Na enumeração de suas faltas cometidas “*somente contra Deus*” (v. 6), o poeta utiliza imagens oriundas das tradições proféticas. Ressalta a insistente recorrência aos ditos do profeta Jeremias. “*Se nossa maldade depõem contra nós, toma alguma providência, Javé, por causa de teu nome. Nossa rebeldia é muito grande, nós pecamos contra ti*” (Jr 14,7). Desse profeta da pequena aldeia de Anatot, da tribo de Benjamim, encontramos cinco nítidas referências da confissão do pecado praticado exclusivamente contra Deus (Jr 3,25; 8,14;14,20; 16,10). Jeremias insiste no uso do verbo *hāṭā*’, pecar.

Possivelmente, no tempo de sua primeira atuação como profeta, a região sul da Palestina deparava-se com duas realidades bem distintas. A primeira foi a enorme massa humana que sofreu com a destruição da Samaria, em 722 aC, provocada pela expansão assíria. Para os autores deuteronomistas, a destruição foi ocasionada pelos pecados dos “filhos de Israel contra Yahweh” (2Rs 17,7). Uma segunda realidade, com toda certeza, vivenciada pelo profeta, foi a reforma centralizadora do rei Josias que assolou de vez à miséria a população mais pobre. Os infantis apoiadores da reforma josiânica – “o povo da terra” (2Rs 21,24) – aproveitando o declínio assírio põem em marcha um suntuoso projeto de centralização social. Jerusalém passará a ser o espaço catalisador das atividades políticas, econômicas e religiosas. Cremos que ao opor-se à reforma e considerando-a injusta e idolátrica, a perseguição a Jeremias, por ordem da corte de Josias, fora inevitável (Jr 11,18-23). Eis os motivos de Jeremias repetir insistentemente, mais que outras correntes proféticas: *pecamos contra vós, pois pecamos contra o nosso Deus*.

Um dos primeiros profetas escritores foi sem dúvida Miqueias. Contemporâneo de Isaías sua afirmativa contra as injustiças e violações de direitos praticados pelas autoridades são constantes (Mq 6,6-7). Sua atuação é marcada pela fratricida guerra siro-efraimita (735-734 aC), quando os interesses do reino assírio dividem toda a região (Mq 7,1-17). Mas a referência ao pecado contra Yahweh fica por conta de seus discípulos que, em época exílica, acentuam novas promessas para o povo, não sem antes realçar os delitos cometidos: “*Devo suportar a cólera de Yahweh, porque pequei contra ele, até que ele julgue a minha causa e restabeleça o meu direito, até que me leve para a luz e eu contemple a sua justiça*” (Mq 7,9).

Em meados do ano 540 aC, exilados em terras babilônicas a escola profética do segundo Isaías acentua o pecado praticado contra Yahweh como causa do desterro de Israel, indagando: “*quem foi que entregou Jacó ao saque e Israel ao despojo? Não foi Yahweh, contra quem pecamos, não querendo andar em seus caminhos nem seguir suas leis?*” (Is 42,24). Pelo clamor profético é possível perceber o profundo sentimento social. O conceito de “pecado”, sobretudo nos primeiros anos de exílio, foi a fórmula encontrada para justificar a não aceitação e prática dos alertas proferidos pelos profetas e mais tarde utilizada pelo salmista em sua composição.

É possível perceber que no decorrer da experiência vivida no desterro babilônico, o salmista tenha recolhido afirmações proféticas que despertaram a consciência do pecado praticado contra uma divindade libertadora e tão bem harmonizada na redação do salmo 51:

5.1 Porque reconheço as minhas transgressões.

6.1 Contra ti, somente contra ti é que eu pequei.

7.2 E minha mãe me concebeu no pecado.

11.1 Oculta a tua face dos meus pecados.

11.2 Apaga todas as minhas iniquidades.

O autor reconhece profundamente, em sua experiência pessoal, a realidade que o cerca e o peso dessas afirmações. Ao formulá-la, com certeza, considerou os ditos proféticos e tomou-os como guia.

v. 12-19: A intervenção de um Criador restaura a vida

Na segunda parte (v. 12-19), o acento poético recai no uso dos verbos, destacando as ações divinas em prol do restabelecimento do pecador. O poema começa (v. 12) e termina com significativas referências ao *lēb*, coração (v. 19), compreendido na tradição dos profetas como o órgão, por excelência, ao redor do qual gravitam a imaginação (Jr 7,31; 19,5; Ez 38,10), a memória (Is 65,17; Jr 3,16; 51,50) e a prática do cuidado (Jr 3,16). Em seguida, é solicitado um *rûah*, espírito refeito pela experiência em Deus. Um *coração puro* e um *espírito novo* que passam a significar não outra coisa que não seja a superação da situação de abatimento provocado pela dominação de um inimigo (cf. Pr 15,13; 17,22 e Ez 36,24-28) e que o poeta implora a Deus manifestando uma fé que procede de sua capacidade de resistir, capacidade de se opor diante daqueles que o exploram. Não é por mera coincidência a referência da utilização do verbo *bārā'*, criar / fazer, citado com afinco na relação com Deus. Só Ele é capaz de recompor e inaugurar uma vida direcionada à verdade e à justiça (cf. Is 41,20; 48,6-7; 65,17; 28,7; Jr 31,22; Ex 34,10; Gn 1,1). Tal harmonia acontece a partir do interior da vida humana. Brota do coração e de um espírito refeito pelo próprio agir divino.

v. 12-19: Ação de Deus	<p>12^a <i>cria</i> → Um coração puro</p> <p>12^b <i>estabelece</i> → Espírito novo</p> <p>13^a <i>afastes para longe</i> → do teu rosto</p> <p>13^b <i>não retires</i> → Santo espírito</p> <p>14^a <i>devolve</i> → júbilo da tua salvação</p> <p>14^b <i>mantenha firme</i> → espírito generoso</p> <p>15^a <i>ensinarei</i> → teus caminhos</p> <p>15^b <i>voltarão</i> → os pecadores</p> <p>16^a <i>livra-me</i> → do sangue</p> <p>16^c <i>celebrar</i> → tua justiça</p> <p>17^a <i>abre</i> → meus lábios</p> <p>17^b <i>anunciará</i> → teu louvor</p> <p>18^a <i>não queres</i> → sacrifícios</p> <p>18^b <i>não aceitas</i> → holocaustos</p> <p>19^a <i>sacrifícios são</i> → Espíritos quebrados</p> <p>19^b <i>corações quebrados</i> / abatidos.</p> <p>19^c <i>são desprezadas</i> Elohim</p>
-------------------------------	--

Quando em 745 aC uma revolta palaciana legítima no poder Teglat-Falasar III, os povos vizinhos passaram a sentir a presença avassaladora do novo Império Assírio. Os adoradores da divindade Assur não mediram esforços para expandir e legitimar as novas fronteiras e impor uma política altamente de vassalagem às nações subjugadas³. O profeta Amós atua num período de relativa paz. Na época de sua pregação, a Assíria ainda não decidira ações expansionistas rumo ao sul: Síria e Palestina. Jeroboão II (783-743 aC) reina em Israel, e este resolve efetuar uma aliança com o rei de Judá, Ozias (767-739 aC), ampliando o comércio e o controle das rotas comerciais. Meios que favorecem um ligeiro enriquecimento dos proprietários de terras e comerciantes, em detrimento ao processo de pauperização dos camponeses. Eis o cenário legitimador de Amós ao clamar pela prática da justiça, violação dos pobres e lhes negarem a falta de *rahāmîm*, compaixão (Am 1,11).

A liberdade na pregação desse profeta oriundo da vida camponesa é total. Acredita-se que o redator final da obra de Amós teve a preocupação de apresentá-lo incólume, sem nenhuma ascendência sacerdotal, profética e muito menos relacionamento com as cortes monárquicas, seja de Judá ou de Israel. Seu desejo, primeiro e último, foi o de agradar a Deus na denúncia das fraudes cometidas no comércio, meio corrente para enriquecer poucos e empobrecer muitos (Am 6,11-13).

Desse profeta camponês ecoa a forte denúncia de uma religião legitimadora e consensual da opressão e, mais tarde, reeditada no salmo 51,18. Alerta o profeta: *“Eu detesto e desprezo as festas de vocês. Tenho horror dessas reuniões. Ainda que vocês me ofereçam sacrifícios, suas ofertas não me agradarão, nem olharei para as oferendas gordas”* (Am 5,21-22). Quando uma religião está a serviço da legitimação da desigualdade para nada mais serve, pois foi transformada em magia e rito supersticioso (Am 2,8).

No mesmo espírito desejoso de corrigir os desvios humanos e estabelecer uma paz reconciliadora com a própria pessoa humana na relação com as outras, vieram outros seguimentos proféticos. Na pregação profética a religião deixou de expressar comunhão entre irmãos. O culto tornou-se vazio e sem sentido. Distanciou-se a interação entre gestos de solidariedade frente ao necessitado e gratuidade diante da divindade. Para a divindade professada por Isaías o culto agradável intui uma prática solidária prestada às vítimas de sua época (Is 1,11; 29,13-14). A contundente crítica ousa recompor o cenário religioso.

A tríade social formada pelo *hāmōts*, oprimido, *yātôm*, órfão, e *'almānâ*, viúva, procura realçar, de sobremaneira, os aspectos econômico-sociais, evidenciando o grau de importância exercido por esses grupos humanos, profunden-

3. Oportuno acenar as três fases que constituíam tal processo de dominação. Primeira: a presença do poderio bélico do exército assírio e a cobrança de impostos; segunda: total aniquilação das forças de oposição e substituição do rei infiel por um vassalo fiel; terceira: total aniquilação da província, como região independente, além da deportação e transferência da classe dirigente substituída pela presença de um novo grupo étnico fiel às negociações assírias. GARMUS, Ludovico. *El Imperialismo: Estructura de Dominación*, In: RIBLA, 3, p. 7-20, 1989.

te atrelados ao modo de produção agropastoril, predominantes na sociedade do profeta Isaías (Is 1,16-18). Em meio ao “redemoinho da derrocada social”⁴ existente em Israel e Judá, presencia-se a existência de círculos proféticos agindo com objetividade voltada para a superação da violação da justiça. Os pobres são apresentados como merecedores das atenções nos afazeres da realeza. É função do rei governar e dar garantia de que os direitos dos pobres serão mantidos. Encontramos com recorrente insistência, em diferentes gêneros literários, apelos para a superação da opressão e equiparação dos direitos (Dt 16,19; Ex 23,6.9; 1Rs 3,11-13; Os 4,4-10; Mq 3,10).

Duas explícitas referências à prática cultual são firmadas pelo salmista: *zebah*, sacrifício e ‘ôlá, holocausto. Evidente que no exílio não existiu altar para o culto a Yahweh, muito menos animais e alimentos para os rituais de oferendas. cremos que as denúncias dos profetas anteriores ao exílio são aqui retomadas, mas dessa vez acentuando a atitude de redescobrir, pelos revezes dos acontecimentos, pelos sofrimentos impostos uma nova atitude capaz de agradar também a divindade: “espírito quebrado e um coração contrito e humilhado” (v. 19). A boa notícia firmada no salmo é justamente essa inversão no modo de relacionar-se com Deus. Ofertas e sacrifícios podem fortalecer instituições, mas não comprovam um comportamento ético, justo (Sl 40,7; 50,9-13). Em outras palavras, não se condiciona o agir divino por oferendas.

Essa divindade que perdoa, para os autores bíblicos, também incluía a relação harmoniosa nas diferentes realidades e níveis de convivência social: família, comunidade, compatriótico, comércio, religião. O desejo do penitente é voltar a “*ouvir o júbilo e alegria*” (v. 10,¹), na medida em que os “*os ossos esmagados*” (v. 10,²) se recompõem, junto ao tecido social. Esse grau de *simhá*, alegria (v. 14a) acena o projeto de restauração da cidade de Jerusalém, fortemente elucidada na profecia de Jeremias: “*Eu vou purificá-los de toda injustiça com que pecaram contra mim, e vou perdoar todas as injustiças que cometeram contra mim. Jerusalém será para mim nome de alegria, louvor e honra...*” (Jr 33,8-9).

O salmista não esconde seu modo de compreender o ser humano. Órgão vital na existência humana é o coração. Era concebido como o órgão mais escondido no corpo humano. Eis o motivo de receber, na obra de Jeremias, uma justa atenção. O profeta não poupa esforços para aprofundar que a dimensão do pecado, inerente à vida humana, deve estar direcionado a uma reconciliação com Deus, a fim de que a pessoa possa se sentir aceita e acolhida na relação com as outras: “*O coração é mais enganador que qualquer outra coisa, e dificilmente se cura: quem de nós pode entendê-lo?*” (Jr 17,9). Eis a indagação de Jeremias, para em seguida elucidar: “*Eu, Iahweh, penetro o coração e examino os rins, para pagar a cada um conforme seu comportamento e segundo o fruto de suas ações*” (Jr 17,10).

4. Um dos termos utilizados por Crüsemann na descrição do processo de pobreza iniciado no ano de 722 aC e que se agrava no decorrer dos dois séculos seguintes. Cf. CRÜSEMANN, F., *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 323.

A situação de sofrimento imposto aos habitantes de Jerusalém durante a ocupação babilônica não passou à margem na pregação de Ezequiel. A violenta ocupação é percebida como se Deus tivesse abandonado seu povo eleito (Ez 11,23). O profeta Ezequiel chama Jerusalém como cidade do sangue (Ez 7,23; 9,9; 22,2; 24,6). No exílio negar culto aos deuses era oportunidade de perder a vida. Eis o motivo do clamor expresso pelo salmista: *“Livra-me do sangue, da morte prematura provocada pela violência do inimigo”* (Sl 30,10). É na manutenção da integridade física que o salmista promete elevar suas preces a um Deus que salva e preserva sua vida.

Com o coração e espírito refeito (v. 12) é hora de certificar-se de que está plenamente em Deus gozando de sua intimidade. Para comprovar tal intimidade divina, basta seguir o conteúdo poético. Constata-se uma experiência divina que jamais – *‘al tašlîkēnî*, não me afaste – abandona seu eleito (v. 13), mas *šûb*, devolve a alegria de se sentir salvo pelo Senhor na história da vida (v. 14). O salmista parece ter buscado, se não exclusiva, mas, ao menos relativa, inspiração nas tradições de Jeremias (Sl 51,12.13a).

v. 20-21: um acréscimo de cunho litúrgico em prol de Jerusalém

A teoria da retribuição firma-se na época da restauração da cidade de Jerusalém, sobre o controle dos sacerdotes e levitas, no pós-exílio. Nos versos 20 e 21, as referências topográficas a Sião e Jerusalém bem como o desejo de reconstruir os muros da cidade legitimam que o texto sofreu um discrepante acréscimo. As mãos do nosso redator final penderam fortemente para o projeto de restauração do templo de Jerusalém. O que antes fora denunciado como um desvio (v. 18-19) agora é apresentado como meio de vivenciar a proteção e vontade divina (v. 20-21).

Releituras das profecias são feitas no intuito de contribuir no projeto de restauração da vida social e religiosa na cidade Santa. Os verbos *yātab*, fazer o bem e *bānâ*, construir são aplicados diretamente a Deus. Por este motivo, não soa estranha a centralidade realçada ao altar. Este lugar – *mizbēah*, altar – torna-se o espaço privilegiado para recompor o sistema de sacrifícios e oferecer identidade aos novos residentes, vindos da terra dos caldeus. Uma vez refeitas as muralhas, ao redor de Jerusalém, o sistema de sacrifícios está garantido.

Se o profeta Ezequiel acentua o projeto de reconstrução nacional (Ez 36,10-15), no desejo de reacender a esperança aos novos residentes, nosso redator do salmo 51 possivelmente relacionou os versos conclusivos do poema aos anúncios esperançosos da profecia de Jeremias:

“Mas assim diz Yahweh: Agora vou mudar a sorte das tendas de Jacó, terei compaixão de suas moradas. A cidade será reconstruída

sobre suas ruínas e o palácio se erguerá de novo em seu lugar” (Jr 30,18).

“Eu vou reconstruí-la, e você ficará construída, Virgem de Israel. Você será novamente enfeitada com pandeiros” (Jr 31,4).

“Mudarei a sorte de Judá e Israel, e vou reconstruí-la como antigamente” (Jr 33,70).

Conclusão

Creemos que um temário profético, cunhado, sobremaneira, no pós-exílio, foi harmoniosamente arranjado na redação final estabelecida pelo salmista. No exílio foram recuperadas tradições proféticas que sustentaram as utopias da comunidade. Neste momento de sua história, ainda, numa situação totalmente adversa, a comunidade religiosa de Israel encontrou uma historiografia, estabeleceu leis e orações capazes de lhe oferecer identidade e coesão. Sem a experiência e senso de uma divindade plena de compaixão e misericórdia, a comunidade sabe que não lhe restava qualquer porvir.

Que Deus é este que salva o portador de um coração quebrado e um espírito humilhado (v. 19)? Que devolve vigor, ânimo aos ossos esmagados (v. 10) e que livra, por seu amor e bondade, seus amados do “sangue” (v. 16) e ossos triturados (v. 11)? Eis o cenário que envolve a fé expressa no salmo 51. Resistir em meio ao sofrimento foi uma máxima projetada no salmo 51, uma vez que não existem dominadores nem domínios projetados pela eternidade. Ousa recuperar a alma do povo e a institucionaliza.

Oportuno lembrar o que nos alertava Frei Gorgulho sobre o conceito do povo e retomá-lo neste atual momento eclesial:

Deste modo, o projeto de futuro apresentado indica também o que é a realidade do povo. Esta realidade não se encontra nas estruturas de dominação da cidade imperial e da cidade de Jerusalém. O povo é resultado da ação libertadora de Deus. Povo é uma realidade teologal que se constrói na história a partir da libertação dos oprimidos e dos enfraquecidos. O projeto futuro é uma solidariedade sem dominação e sem dispersão. Assim, o verdadeiro povo é de fato uma sociedade sem classes e sem o fetiche da dominação⁵.

Antonio Carlos Frizzo
Rua Paraná, 232, Vila Augusta
07021-031 Guarulhos, SP

5. Cf. GORGULHO, Gilberto. “Sofonias e o valor histórico dos pobres”, in: RIBLA, 3, 1989, p.26-35.

Bibliografia

COMBLIN, José. A Bíblia e o compromisso social. In: *Estudos Bíblicos*, n. 95, 2007, p. 9-16.

FARIA, Jacir de Freitas. Salmos de sofrimento: expressão da interiorização das relações com Deus! In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 45, 2003, p. 105-114.

ODORÍSSIO, Mauro. *Salmos e cânticos inspirados*. São Paulo. Palavra & Prece, 2003, p. 274-279.

SCHÖKEL, Alonso. *Treinta Salmos: poesia y oracion*. Madri, Cristiandad, 1981, p. 189-230.

SCHÖKEL, Alonso; CARNITI, Cecília. *Salmos I – (salmos 1-72) tradução, introdução e comentário*. São Paulo, Paulus, 1996, p. 680-709.